

EDITORIAL

Luiz Paulo da Silva Braga¹

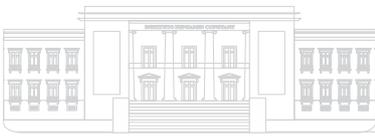
Um novo ciclo na Benjamin Constant

É com satisfação que chegamos ao ano 27 da revista Benjamin Constant (BC), com o número 62 do periódico, entregando uma edição marcada por uma série de novidades. No início de 2021, a Comissão Editorial da revista passou a ser composta por uma nova equipe de pesquisadores do Instituto Benjamin Constant (IBC), para um mandato de dois anos. Do ponto de vista técnico-administrativo, ficamos responsáveis por dar continuidade a ações importantes iniciadas pela gestão anterior, notadamente concluir a migração do periódico para a plataforma OJS e elaborar e publicar o Regimento Interno da BC. As medidas visam adequar ainda mais a revista às exigências dos órgãos de fomento à pesquisa do país e dos principais indexadores de periódicos. Como resultado, esperamos elevar o nível de excelência da BC e, com isso, atender às demandas dos pesquisadores que publicam os resultados de suas investigações e práticas na revista.

Com relação ao formato de publicação do periódico, a partir do presente número, a Benjamin Constant passou a publicar os trabalhos aprovados em fluxo contínuo. Na prática, esse sistema de publicação é benéfico tanto para os autores como para a comunidade científica. Isso porque os originais são publicados ao longo do semestre, assim que ficam prontos, sem que seja necessário aguardar o fechamento da edição, permitindo que os resultados das investigações sejam divulgados de maneira mais célere e fiquem disponíveis por mais tempo.

Por fim, no que diz respeito ao conteúdo da revista, destaca-se a proposta da Comissão Editorial de, a partir desse número, trabalhar com edições temáticas da BC, com a publicação de dossiês que abordam debates específicos a cada edição (sem que as tradicionais seções com temas livres tenham sido abolidas). Como primeiro dossiê, propusemos reunir trabalhos interdisciplinares que abordassem questões da Cultura Visual, articuladas às temáticas da deficiência visual, da deficiência visual associada a outras deficiências e da surdocegueira. Pesquisadores de diferentes partes do país atenderam ao chamado, e os trabalhos acolhidos pela Comissão Editorial estão disponíveis a seguir.

¹ Supervisor da Divisão de Pós-Graduação e Pesquisa (DPP) do Instituto Benjamin Constant (IBC). Membro da Comissão Editorial da revista Benjamin Constant (BC) e editor-chefe do periódico. Doutorando em História, Política e Bens Culturais pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV). E-mail: luizpaulobraga@ibc.gov.br.



Apresentação do dossiê Cultura Visual e Deficiência Visual

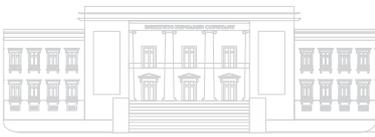
Em diálogo com as ideias de Debray (1993), Berger (1999), Freedman (2002) e Mirzoeff (2016), entendemos como Cultura Visual o campo investigativo que nasce dos Estudos Culturais e que concentra análises das imagens e de suas relações com a organização e a elaboração da realidade. De caráter multidisciplinar, as questões da visualidade dialogam com áreas distintas e mobilizam discussões que nascem, ou fazem parte, de uma infinidade de repertórios e representações imagéticas do nosso cotidiano – como o *design*, o cinema, a televisão, a propaganda, a arquitetura, a fotografia, dentre outros.

Uma vez que as imagens são um elemento de construção social da realidade, ao nos voltarmos para as questões que são caras aos estudos e investigações sobre a deficiência visual, é inevitável refletirmos a respeito das tensões e dos diálogos entre as duas temáticas. Isso porque vivemos em uma sociedade visuocêntrica – que valoriza e privilegia experiências visuais em detrimento das que envolvem outros sentidos –, em que a visão atua como um sentido hegemônico e primordial (AMIRALIAN, 1997; SANTOS, 2020). Diante do exposto, a pergunta que motivou a proposta desse dossiê foi: “De que formas se configuram as relações entre as pessoas com deficiência visual e os regimes de visualidade?”.

Pensar o lugar das pessoas cegas e com baixa visão – e da própria deficiência visual – nesses regimes em que o ocidente está imerso é quase que imediatamente pensar em acessibilidade, o que nos remete aos modos de consumo e de significação das imagens desses sujeitos. Embora esse seja um eixo fundamental, e que se fez substancialmente presente no dossiê, a proposta foi um pouco além. Dessa forma, os cinco trabalhos apresentados trazem também à baila reflexões sobre como pessoas com deficiência visual se inserem nas disputas inerentes às representações, em que sempre há perdas e ganhos para os envolvidos (HALL, 2016). Esse aspecto em muito nos alegrou e atendeu às nossas expectativas de debate.

Como segunda característica, o dossiê é constituído de contribuições quase que exclusivamente voltadas para as áreas da Educação e do Ensino. Embora a Cultura Visual seja um campo multidisciplinar e, como já exposto, de possibilidades de interlocução com inúmeras áreas, essa característica não reveste o dossiê de fragilidade alguma, mas sim de uma especificidade de contribuição que dialoga diretamente com áreas em que o IBC tradicionalmente atua. Por outro lado, os trabalhos também tangenciam e suscitam questões de outras áreas de conhecimento e temáticas, notadamente a museologia, a memória e o patrimônio.

O estudo que abre o dossiê, *Visualidades em disputa*, é uma contribuição dos membros do grupo de pesquisa Trabalho, Arte, Educação, vinculado ao Centro de Estudos e Pesquisas



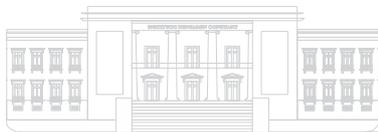
(Cepeq) do IBC. Dialogando com uma consistente fundamentação teórica, os autores propõem uma reflexão sobre a formação do sensível em pessoas com deficiência visual, bem como sua relação com o consumo e o ensino de Artes, além de repensar o processo de fruição estética, nos espaços escolares e culturais.

As discussões prosseguem, agora focadas em experiências museológicas e regimes de visualidade, com o segundo trabalho, *Processos artísticos inclusivos*, de autoria de Roberta Gonçalves, Rômulo Morgado e Patrícia Dorneles. Por meio da apresentação da proposta da “Sala Experiências do Olhar”, realizada no Museu do Ingá, em Niterói – RJ, os autores problematizam questões ligadas à acessibilidade em museus e, como na contribuição anterior, à fruição estética de pessoas com deficiência visual, mas tomando como base discussões que são caras à Sociomuseologia.

Os dois trabalhos seguintes abordam mais diretamente propostas didáticas e refletem, cada um ao seu modo, sobre disputas de visualidade. No terceiro artigo, apoiada na Pedagogia Histórico-Crítica e na Psicologia Histórico-Cultural, Ivone de Jesus apresenta e caracteriza uma experiência vivida em um Centro de Atendimento Educacional Especializado (CAEE), na cidade de Salvador – BA, em *Audiodescrição como entre-lugar nas relações de ensino-aprendizagem no AEE para estudantes com baixa visão, no contexto da pandemia da Covid-19*. Mobilizando elementos e técnicas da audiodescrição, e respeitando os limites e especificidades visuais dos envolvidos, a proposta consistiu em munir dois estudantes com baixa visão com elementos que os permitissem lidar com repertórios imagéticos presentes no espaço escolar e no cotidiano desses indivíduos, com destaque para o contexto pandêmico.

Já a quarta contribuição, *Tateando as estrelas*, de Lucas Darim, Verónica Guridi, Beatriz Crittelli, nos convida a uma reflexão sobre o ensino de Ciências Astronômicas e a compreensão e observação do céu quando não é possível recorrer à visão. A sequência didática e os recursos pedagógicos especializados produzidos pelos pesquisadores – ligados à Universidade de São Paulo (USP) – ainda não puderam ser testados em sala de aula, devido à pandemia, segundo os autores. Entretanto, o trabalho é relevante e merece atenção, dadas as reflexões estabelecidas e a potencialidade da proposta multissensorial dos pesquisadores.

Fechando o dossiê, o quinto original é assinado por Luciana Bernardinello, Camila Mascarenhas, Eliana Calegari, Glauce Arder e Helton Costa – membros do grupo Trabalho, Arte e Educação –, assim como o estudo que abriu o dossiê. Em *Cultura Visual e os sentidos do patrimônio*, os autores relatam o desenvolvimento e a aplicação de um material didático fruto de uma parceria entre o IBC e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Enquanto isso,



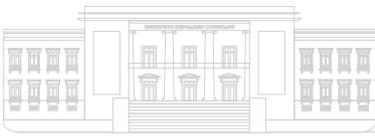
discutem sobre a noção de patrimônio e a educação patrimonial de estudantes com deficiência visual, especificamente dos discentes dos cursos técnicos de artesanato do Instituto Benjamin Constant.

Como unidade, os cinco originais nos convidam a pensar sobre diferentes imagens e seus diversificados usos e funções, com destaque para o contexto educacional e sempre articulado a questões da deficiência visual. Dessa forma, esperamos que o dossiê possa contribuir de maneira significativa para as discussões emergentes sobre visualidade, Educação e Ensino, especialmente no que diz a respeito ao lugar da deficiência visual e das pessoas cegas e com baixa visão nas disputas e tensões que elas implicam.

Trabalhos das seções com temas livres

Os três trabalhos da seção Artigos Livres dessa edição compõem um diversificado repertório de contribuições. No primeiro, *As especificidades do ensino e da aprendizagem da leitura por meio do Sistema Braille na alfabetização de alunos cegos*, Camila Dutton, do IBC, apresenta e analisa elementos do processo de ensino de leitura para alunos cegos, por meio do Sistema Braille. Já o segundo, *Análise da praticabilidade de um instrumento de avaliação do esquema corporal para crianças com cegueira*, descreve a construção e a validação de um instrumento de avaliação de esquema corporal em crianças cegas. A pesquisa é assinada por Patrícia de Oliveira, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e Mey Munster, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Por fim, *Educação Matemática e Surdocegueira*, de autoria de Isane Marques, Fábio Borges, Clélia Nogueira e Andressa Schipanski, ligados à Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), consiste em um mapeamento bibliográfico de aspectos destacados em pesquisas publicadas entre 2009 e 2019 sobre o tema indicado pelo título.

Não poderiam faltar no presente número contribuições que dialogam diretamente com o novo e ainda atual contexto imposto pela pandemia do novo coronavírus. Há dois ensaios de especialistas refletindo a respeito. No primeiro, *A educação de pessoas com deficiência visual em tempos de Covid-19*, os professores do IBC, Arlindo Carvalho Junior e Raffaella Lupetina, abordam como a pandemia afeta o processo educacional desse grupo de pessoas no estado do Rio de Janeiro e apontam caminhos para protocolos escolares de retorno às atividades presenciais. No segundo ensaio, por sua vez, Maria da Glória Almeida, também do IBC, articula-se a um grupo de pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) – Jorlan Fernandes, Natália Lanzarini e Elba Lemos – para pensar o desenvolvimento de estratégias inclusivas de saúde: *Covid-19 e indivíduos cegos e com baixa visão* destaca pontos-chaves para o enfrentamento da pandemia entre essa parcela da população.



Fechando as contribuições de tema livre, dois relatos de experiência teoricamente fundamentados de maneira consistente. O primeiro, *Estudo de caso de uma aluna com deficiência visual adquirida durante o percurso de graduação*, produzido por Augusto Mendes, Scarlet Francelli, Luiza Brits e Fabíola Alves, da Faculdade Pitágoras de Betim – MG, recorre aos estudos de Vygotsky para discutir um caso de atendimento especializado prestado a uma graduanda com cegueira adquirida. No segundo relato, Paola Cazzanelli, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Rejane Klein, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), refletem sobre como as aprendizagens de alunos com deficiência visual em contexto inclusivo dependem da intervenção qualificada do profissional que atua no Atendimento Educacional Especializado (AEE), a partir de experiências em um município da Região do Vale do Rio dos Sinos – RS.

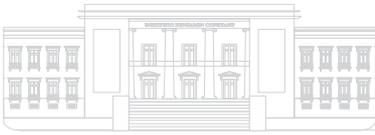
Para fechar...

Na certeza de que os 12 trabalhos que constituem esse número da BC poderão contribuir para o avanço da produção de conhecimento em diversos aspectos das temáticas da revista, encerro o editorial convidando e encorajando os leitores a participar do periódico também na condição de autores, submetendo seus trabalhos para publicação. Dessa forma, ampliaremos cada vez mais as discussões divulgadas por meio da Benjamin Constant.

Entre abril e julho de 2021, a Comissão Editorial da Benjamin Constant realizou a primeira chamada pública do periódico para a submissão de propostas de dossiês temáticos. Foram selecionados três dossiês que farão parte dos números 63, 64 e 65 da revista. Além disso, o tema do dossiê referente ao número 66 também já foi decidido pela Comissão. O próximo dossiê temático, *Temas contemporâneos para a acessibilidade da criança com Deficiência Visual*, está com o recebimento de trabalhos aberto até o dia 15 de outubro de 2021 e conta com a organização dos editores convidados Maria Stella Coutinho de Alcantara Gil e Ailton Barcelos da Costa, ambos da UFSCar.

Os detalhes das demais propostas, notadamente os temas e os períodos de submissão, podem ser conferidos na [página da revista](#). Por fim, lembramos que a chamada de trabalhos com temas livres se encontra aberta permanentemente e que o processo de submissão de originais, assim como as instruções aos autores, também está disponível no [site da BC](#).

Uma excelente leitura e até o próximo número da Benjamin Constant!



Referências

AMIRALIAN, Maria Lucia Toledo Moraes. *Compreendendo o cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

BERGER, John. *Modos de ver*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DEBRAY, Régis. *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente*. Petrópolis: Vozes, 1993.

FREEDMAN, Kerry. Cultura visual e identidad. *Cuadernos de Pedagogía*, Barcelona, n. 312, p. 59-61, abr. 2002.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Apicuri, 2016.

MIRZOEFF, Nicholas. *Cómo ver el mundo: una nueva introducción a la cultura visual*. Barcelona: Paidós, 2016.

SANTOS, Andréa Mazzaro Almeida da Silva. *A construção da intersubjetividade no desenvolvimento da criança cega congênita: possibilidades, impasses e alternativas ao primado da visão*. Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2020.